

---

## **Passinho dos Malokas: a participação do jovem como atores sociais, protagonistas das suas próprias ações<sup>1</sup>**

Betania Maciel<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE-Posmex  
Faculdade de Ciências Humanas ESUDA

### **RESUMO**

A pesquisa explica como jovens da periferia constroem suas identidades nas redes sociais. O objeto de análise deste trabalho é o “Passinho dos Malokas”, fenômeno originado na Região Metropolitana do Recife, PE composto por manifestações de dança, associadas à ação de influenciadores digitais, produtores de eventos, musicais e audiovisuais, consistindo autêntico movimento cultural periférico. Relacionamos as ações do Passinho com a questão da subjetividade, tanto do sujeito como social, ao mesmo tempo que refletem o processo de inclusão dos temas e pessoas sobre os problemas contemporâneos nas classes excluídas socialmente; é neste sentido que propomos a utilização do referencial teórico da Folkcomunicação para o estudo e análise deste campo de representações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folkcomunicação; Redes Sociais; Ciberativismo; Cultura Popular; Identidade.

A Folkcomunicação é uma área dentro das ciências da comunicação que estuda os processos comunicacionais das manifestações culturais populares, uma teoria comunicacional defendida e conceituada, por Luiz Beltrão, como fronteira entre o folclore e a comunicação de massa, entendemos que todas as manifestações culturais podem ser utilizadas como estratégias de comunicação, isso acontece quando se apropriam de mecanismos de expressão para valorizar a cultura local e do mesmo modo para verbalizar suas opiniões através do encontro coletivo.

Na nova abrangência dos estudos folkcomunicacionais, vários pesquisadores deram sequência as teorias de Luiz Beltrão. Nessa perspectiva, a comunicação do povo manifesta-se de diversas formas, segundo as afirmações teóricas pautadas na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade , XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco/POSMEX – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/Grupo ESUDA de Interlocução Acadêmica - Faculdade de Ciências Humanas ESUDA – PE- BRASIL. Doutorado em Comunicação Social -UMESP-BRASIL, e-mail: betaniamaciel@gmail.com

---

folkcomunicação, afirma Beltrão (1980): que enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da folkcomunicação a um mundo de palavras, signos gráficos, gestos atitudes, linhas e com relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e o lazer, com a conduta, enfim, das classes integradas da sociedade. A Folkcomunicação caracteriza-se “pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural” (BELTRÃO, 2004).

O início desta pesquisa deu-se através teoria Folkcomunicacional, estudar as Redes sociais, ciberativismo e grupos marginalizados, constatando que o universo das redes sociais multiplicou de forma exponencial as produções culturais pelos mais diversos grupos, sendo sua divulgação caracterizada pelo consumo imediato, pelo debate e discussão e pela chamada viralização nas redes sociais. Assim, a visualização de determinadas postagens são reflexos do processo de inclusão dos temas e pessoas sobre os problemas contemporâneos nas classes excluídas socialmente; é neste sentido que propomos a utilização do referencial teórico da Folkcomunicação e estudos da cultura, subjetivação e identidade e o sentido de pertencimento, para o estudo e análise deste campo de representações criado pelas redes sociais e pelo ciberativismo

O eixo central da pesquisa tenta explicar como os jovens estão construindo sua identidade de acordo com as fotos, vídeos como conteúdo de cunho artístico, que eles enviam e as atividades que realizam nas redes sociais, porém quando se trata de estudar identidade, não podemos deixar de estabelecer um diálogo com Hall que a partir do final do século XX, apresenta uma transformação na forma de aceitá-la. Acabou-se a concepção essencialista que estabeleceu uma forte correlação entre identidade e cultura. A identidade não é mais o ponto culminante. O autor questiona fortemente a noção de identidade como garantia, como fonte de segurança em um mundo veloz e em mudança, como é o mundo moderno (HALL, 2010).

Desta forma observamos que a internet transformou a informação em um produto democrático, tanto na produção de material acessível a todos os níveis sociais e econômicos, mas também como mercadoria que se expõe através de sua divulgação. A

---

explosão da informação desde a era Gutemberg, guardando as devidas proporções relacionadas ao desenvolvimento tecnológico.

A informação se alastrou em quantidades nunca vistas e numa velocidade inaudita. Alguns estudiosos logo notaram as desvantagens do novo sistema. O astrônomo humanista Johann Regiomontanus observou, por volta de 1464, que os tipógrafos negligentes multiplicariam os erros. Outro humanista, Niccolò Perotti, propôs em 1470 um projeto defendendo a censura erudita. Mais sério ainda era o problema da preservação da informação e, ligado a isso, o da seleção e crítica de livros e autores. Em outras palavras, a nova invenção produziu uma necessidade de novos métodos de gerenciamento da informação (BURKE 2002, p. 174).

Dentro do contexto de participação do jovem como atores sociais, protagonistas das suas próprias ações, colocamos na discussão a participação dos jovens na elaboração de propostas para a busca de melhorias de vida no imaginário popular, sobretudo com o uso de redes sociais. Constroem uma falsa imagem de uma vida fictícia de um ideal ilusório de felicidade constante dada a uma escolha. E quanto mais imagens circulam pelas redes, mais fama estes jovens, sejam eles das classes excluídas ou não, ganham mais prestígio. A ideia que quanto mais “*selfies*”, o maior nível de autoestima; a preocupação exagerada na quantidade de curtidas define o nível de popularidade e de importância para a comunidade ou grupo.

O conceito de identidade empregado aqui não é essencialista, mas estratégico e posicional. Este conceito de identidade não indica aquele núcleo estável do eu que, do começo ao fim, se desdobra inalterado através de todas as vicissitudes da história; o fragmento do eu que e já é e sempre permanece “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao que é ao largo do tempo. Nem isso “Eu sou coletivo ou verdadeiro” que está escondido dentro de muitos outros “eus”, mais superficiais ou artificialmente impostos, do que um povo com uma história e uma ascendência, compartilhada tem em comum”. [...] O conceito aceita que as identidades nunca são unificadas e, nos tempos da modernidade tardia, estão cada vez mais fragmentadas e fragmentadas; elas nunca são singulares, mas construídas de múltiplas maneiras através de diferentes discursos, práticas e posições, muitas vezes cruzadas e antagônicas. Estão sujeitas a uma historicização radical e a um processo constante de mudança e transformação (HALL, 2003, p. 17).

Segundo Hall (2003) as identidades estão relacionadas com as questões referentes ao uso dos recursos da história, língua e cultura no processo de se tornar e ou de ser; não "quem somos" ou "de onde viemos" mas no que poderíamos nos tornar, como eles nos representaram e como isso se relaciona com a maneira como podemos nos representar.

---

As identidades, conseqüentemente, são constituídas dentro da representação e não fora dela.

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua “identidade” – pode ser construído [...] A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como 135 fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta”. (HALL, 2009, p. 110).

E dentro dessa diferença os excluídos constroem uma forma de penetrarem na sociedade, mesmo que este espaço não se encontre em um espaço físico, um espaço geograficamente marcado, mas o espaço das mídias digitais, onde todos com um acesso à internet e um *smart* fone pode acessar, criar seu vídeo, colocar no *YouTube* e logo receber curtidas e se encontrar como celebridade, mesmo sendo uma celebridade instantânea. E assim, Bauman nos ilustra com seus estudos sobre identidade e sentimento de pertença.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha. Não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. E de que as decisões que o próprio indivíduo toma, o caminho que percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento quanto para a identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Quem circula pelas ruas da Região Metropolitana do Recife, sobretudo nas periferias, já deve ter notado grupos de jovens uniformizados que dançam coreografias ao som de sucessos do brega-funk. O que parece uma diversão efêmera juvenil é, na verdade, um movimento cultural periférico que está causando uma revolução na cena desse ritmo. O “Passinho dos Malokas” - como o fenômeno está sendo chamado – está estimulando o êxito de novos grupos de dança, MCs, influenciadores digitais, eventos, produtores musicais e audiovisuais. É um episódio que confirma a relevância do gênero musical no ano em que ele completa dez anos de existência.

O termo “passinho” começou a ser usado nas favelas do Rio de Janeiro, berço do *funk* e a fonte de referência para os artistas do brega-*funk* local. Nos morros cariocas, a dança

---

consiste em movimentos rápidos com as pernas e o quadril. Ganhou grande visibilidade na mídia nacional, foi considerado Patrimônio Cultural do Rio e chegou a ser apresentado na abertura das Olimpíadas em 2016 e no show de Beyoncé durante o *Rock In Rio* de 2013.

Agora, recifenses incorporam essa dança com inúmeras diferenciações. Ao invés das pernas, os malokas (gíria para “maloqueiro”, “meninos da periferia”) apostam em coreografias que movimentam os braços e a região da virilha, simulando movimentos sexuais e mesclando conotação erótica com irreverência. É um tipo de coreografia que (assim como no Rio de Janeiro) nos remete ao kuduru da Angola, reforçando o *brega-funk* como uma identidade cultural proveniente da diáspora africana, um resultado híbrido da música eletrônica negra norte-americana e ritmos do subúrbio recifense.

Assim como outras manifestações da periferia, os integrantes da cena não sabem ao certo apontar quem foi o responsável por “iniciar” esse fenômeno. A consolidação veio com o grupo Magnatas do Passinho S.A (sigla para o bairro Santo Amaro), que alcançou a fama na internet ao gravar um vídeo dançando *Barulho da kikada*. (BENTO,2019)

Foto: Magnatas do passinho



Fonte: Bruna Costa/Esp. DP, 2019.

O vídeo publicado no canal Mr. Allemão, que está ficando conhecido por agregar filmagens de grupos do passinho, acumulou cerca de 13 milhões de visualizações e fez a dupla de MCs gravar um clipe com o grupo de dança. (BENTO, 2019)

Foto: Grupos de destaque



Fonte: Bruna Costa/Esp. DP, 2019.

Ao mesmo tempo, o ciberespaço, por constituir-se também como espaço político é marcado por segregações, seja na questão do acesso do ponto de vista tecnológico (acesso à rede, a dispositivos), como do ponto de vista cognitivo, como da constituição de meios hegemônicos dentro da cultura digital (por exemplo, em que medida resultados do Google e presença em redes sociais como Google visibilizam/ocultam a presença de certos grupos e discursos?). Assim, o ciberativismo se entende como

Uma forma de ativismo que passa a ter como espaço de atuação a Internet. Prática que passa a se constituir em um momento em que emergem discussões sobre o período em que vivemos, em sociedades que mudaram significativamente quando ruíram muitas das barreiras para a comunicação. Muitas, mas não todas, porque em um mundo que se diz globalizado ainda há muitas comunidades que têm acesso a pouca ou nenhuma tecnologia e permanecem fora de quase todos os processos de trocas, sejam elas econômicas ou culturais (NASI; RADDATZ, 2009, p. 2)

A coreografia, marcada por uma tapinha no rosto, se tornou um viral nas redes, sendo reproduzida por inúmeros canais de dança e entrando para o repertório de cantores de forró, como Wesley Safadão, Solange Almeida e o também com o Gabriel Diniz, que recentemente foi vítima de um acidente aéreo.(BENTO,2019)

Os Magnatas organizaram o que ficou como conhecido como o 1º Encontro do Passinho dos Malokas, no Parque 13 de Maio, Centro do Recife. Desde então, outras equipes passaram a organizar esse tipo de evento. Dançarinos e jovens ocupam espaços públicos da cidade para dançar, fazer amizades e realizar algumas disputas informais - um fenômeno que lembra os rolezinhos, populares no início dessa década.(BENTO, 2019)

Ozz Malokas do Recife (Ibura), Os Loucos do Passinho (Pascoal), Os Moleques da Base (Pascoal), As do Passinho (feminino, de Santo Amaro), As Passinho do Coque (feminino, do Coque) são alguns dos outros grupos de destaque. Os membros usam uniformes – são regatas com estampas, que lembram as vestimentas das torcidas organizadas. (BENTO, 2019)

Assim, enquanto perspectiva sociocultural se constitui de um espírito libertador, capaz de unir através de uma produção simbólica, um grupo, uma comunidade, despertando as diversas percepções humanas, visando o autoconhecimento, a libertação dos sujeitos, de forma a proporcionar ao indivíduo a capacidade de representar situações e refletir sobre seus atos e sua realidade.

Os vínculos culturais locais que configuram os padrões culturais são estruturados, por sua vez, em torno das representações sociais compartilhadas no discurso legitimado no contexto cultural de sua coletividade, nas atividades intelectuais da interação social cotidiana, na comunicação e nas práticas sociais, embora mantendo sentidos pessoais em decorrência de suas experiências cognitivas e afetivas. É nessa atividade socialmente comprometida que toma forma a sua subjetividade. (ROCHA FN e BERNARDINO AVS,2013).

Eventos recentes que ganharam a imprensa local foram os de Vytor Senna, no Parque 13 de Maio (6 de janeiro), e de Maria Clara (do grupo As do Passinho), no Bairro do Recife, em 8 de janeiro. O primeiro acabou gerando confusões como brigas e arrastões. Já o segundo foi tranquilo, mas também marcado pela presença massiva da polícia (42 oficiais), com abordagens, revistas nos jovens e três ocorrências. (BENTO,2019)

Foto:MC Hollywood



Fonte:KondZilla, 2019

"Esse tipo de coisa acontece porque qualquer um pode chegar e sempre tem gente que vai querer vandalizar. Ainda não temos uma organização de verdade ou produtores envolvidos. O movimento ainda precisa se profissionalizar mais", ressalta Hollywood.

“Eventos recentes que ganharam a imprensa local foram os de Vitor Senna, no Parque 13 de Maio (6 de janeiro), e de Maria Clara (do grupo As do Passinho), no Bairro do Recife, em 8 de janeiro. O primeiro acabou gerando confusões como brigas e arrastões. Já o segundo foi tranquilo, mas também marcado pela presença massiva da polícia (42 oficiais), com abordagens, revistas nos jovens e três ocorrências. "Esse tipo de coisa acontece porque qualquer um pode chegar e sempre tem gente que vai querer vandalizar. Ainda não temos uma organização de verdade ou produtores envolvidos. O movimento ainda precisa se profissionalizar mais", ressalta Artur.

De acordo com ele, o Magnatas do Passinho S.A agora tem duas metas: se apresentar no Olinda Beer deste ano – repetindo a façanha de MC Loma em 2018 – e iniciar aulas coletivas (aulões) para ensinar o passinho ao público.

Foto: Mãe e pai assumiram o papel de assessores para acompanhar os filhos no encontro dos passinho



Fonte: Danilo Campello/LeiaJáImagens

"Nosso sonho é que os políticos olhassem para o movimento para que pudéssemos promover disputas organizadas, com júri e sem vândalos. Assim as comunidades podem dançar juntas. Antes existiam muitas rixas entre nós. Agora queremos todo mundo em prol dos seguintes objetivos: dança e amizade".

Todos eles são jovens no cenário do brega, comprovando que o passinho deu oportunidade a uma nova leva artistas que está sendo chamada de “segunda divisão do brega-funk”. O brega faz parte das classes subalternas como um canto de louvor ao extravasar as emoções e as formas de expressão, muitas vezes como uma paródia da própria vida. Estas formas de expressão encontra-se nos sentimentos internos e são externados de maneira folclóricas e muitas vezes como brincadeiras dos próprios sentimentos



Foto: Mc Vitinho



Fonte: KondZilla, 2019

"O brega está se atualizando com os passinhos. É uma coisa importante para qualquer movimento musical, ainda mais pelo nosso por estar ganhando visibilidade lá fora. Espero que o passinho seja reconhecido como uma nova dança da cultura pernambucana daqui há alguns anos", diz Vitinho Polêmico, jovem de 18 anos que tem realizado cerca de 40 shows por mês.

Essa “atualização” parte do seguinte ocorrido: os principais produtores musicais do brega-funk (Danny Bala, Batidão Stronda e DG) foram para São Paulo trabalhar com gigantes de funk paulista (as produtoras GR6 e Start Music), dando espaço para novos nomes da produção como DJ Barca, JS e Marley no Beat. É possível dizer que o trio está ditando as novas tendências do que está sendo chamado de "batidão dos malokas". Essa vertente é marcada por batidas eletrônicas agudas, metálicas e velozes, responsáveis por evocar movimentos frenéticos da virilha.

Foto:Passinho dos Malokas



Fonte:Bruna Costa/Esp. DP , 2019.

Nos bastidores, a expectativa geral é que o passinho cresça, ganhe mais espaço na mídia e que suas músicas sejam bastante tocadas, assim como foi *Envolvimento*, de MC Loma.

---

Se nos anos 2000 o axé dominou as novidades, um outro gênero musical parece ter chegado para inflamar os jovens. O maior desafio agora talvez seja encontrar espaços para a realização de eventos com maior organização, sem vandalismo ou riscos de truculência policial.

Estas manifestações apresentam o povo e o seu pensamento, suas reivindicações, na maioria das vezes contrárias ao pensar e sentir das elites.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2006, p. 12-13).

A favela emerge como espaço de criatividade e de produção cultural, sendo por um esforço dos meios assim retratada, de forma que seus jovens cidadãos ganham status, passando de sujeitos invisíveis a agentes de consumo, divulgando roupas, música, dança, etc. “[...] Porém, o interesse por este cidadão não estaria apenas no reconhecimento de sua criatividade, mas também surgiria atrelado às suas potencialidades de consumo” (MAIA, 2014).

O papel feminino tem seu lugar de destaque nas manifestações e na dança do passinho. Nada que esteja vinculado as danças que apresentam a curvas sinuosas dos corpos femininos, rebolados e roupas que exploram o corpo de maneira sensual. As meninas do passinho desenvolvem a coreografia de maneira similar aos dos meninos quando extrapolam os movimentos com atitudes e reivindicações na forma de garantia de espaço. Isso reflete a realidade sobre a inclusão das meninas no movimento que inicialmente foram predominantemente masculino.

Considerada um ícone dentro do movimento do passinho no Recife, a dançarina Clara Araújo, 15, já conta com mais de 50 mil seguidores no *Instagram* e faz muito sucesso compartilhando as coreografias individuais e de seu grupo “As do Passinho S.A”, que nasceu em uma praça da Avenida Norte, no bairro de Santo Amaro, região central do Recife (ESTEVEES, 2019).

Foto: As do Passinho S.A.



Fonte: Rafael Bandeira/LeiaJáImagens, 2019

A tentativa de romper com determinados padrões hegemônicos da grande mídia, principalmente no que diz respeito à abordagem criminalizada das favelas. Para além da violência e pobreza, existem outras realidades que se manifestam nas comunidades. Arte e cultura, a educação, a luta cotidiana por justiça social, mostram as temáticas ligadas a questões sociais e de cidadania, que refletem à realidade local.

Tomados como um todo, os quadros primários de referência de um determinado grupo social constituem um elemento central de sua cultura, especialmente na medida em que uma compreensão dos principais tipos de esquemas emerge, as relações desses tipos entre si e com os soma total de forças e agentes que estes desenhos interpretativos reconhecem que estão soltos no mundo (GOFFMAN, 2006, p. 29).

Vem sendo também um catalisador das iniciativas socioeducativas e no desenvolvimento da consciência crítica e mobilização entre jovens, mas por si só não é capaz de realizar mudanças, é necessário um trabalho de integração para desenvolver habilidades de organização e participação, em consonância com a subjetividade dos indivíduos e a interpretação que um grupo, comunidade ou sociedade tem da realidade.

A subjetividade depende de fatores e experiências individuais, mas, vivendo em sociedade, cada indivíduo está impregnado da representação social que é construída em torno deles. E assim, a subjetividade social será influenciada pelas variáveis culturais, políticas e econômicas a partir das quais é gerada, e afetará, por sua vez, esses mesmos fatores. “Uma sociedade é um conjunto de subgrupos cujos modos particulares se distinguem no interior de um modelo comum.” (ORTIZ, 2000, p.32).

---

Já a cultura vista como patrimônio social é construída sobre a interpretação, apreciação e percepção de um tipo de realidade que pertence a um povo ou a uma sociedade. Nesse sentido, a subjetividade é encontrada na base de cada cultura, gerando diversidade cultural.

Pode fomentar ações de transformação social incorporando elementos retirados da cultura local como estratégias folkcomunicacionais para resgatar a história de vida desses jovens por meio das expressões culturais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, dando continuidade ao estudo sobre a democratização de acesso à cultura através das redes sociais, utilizando a internet como forma de participação dentro de um espaço que sobrepõe os limites marcados pela classe hegemônica.

Através dessa análise exploratória reforçamos os estudos da Folkcomunicação como um campo promissor, dentro das perspectivas de informações hoje tão massificadas e direcionadas a um público cada vez mais integrado à indústria cultural. A Folkcomunicação vem contrapor e inserir as manifestações populares resgatando a interpretação da cultura popular, as formas interpessoais ou grupais de manifestação culturais protagonizadas pelas classes subalternas.

A orientação de pesquisa futura se aproxima do Passinho através de vertentes antropológicas e aproximar aos processos folkcomunicacionais dentro de uma perspectiva dos estudos sociais, reforçando a sobreposição ou intersecção de identidades sociais, como no caso do Passinho dos Malokas e sistemas relacionados de opressão.

Esta pesquisa possui também uma outra vertente, a de gênero e os estudos da interseccionalidade. Analisar não só o fato de ser mulher, mas, ao mesmo tempo, o fato de ser negra, ser LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero), viver na periferia, entre outras condições, acrescentando portanto a importância em estudar os diferentes fatores juntos por causa da relação que cada um estabelece com o outro.

Vale a pena destacar que a proposta em pesquisar as manifestações da cultura popular, as formas de sentir, pensar e agir das classes subalternas, como vimos nos grupos que compõem estas manifestações na rua de jovens da periferia, confirmamos que através da teoria da folkcomunicação as iniciativas destes grupos, corroboram com a importância das mídias informais, das mídias livres de censura partidária, elitista e hegemônica, que valoriza os meios massivos e tendências a higienização da cultura como uma ferramenta paralela que contribui com a informação.

As perspectivas deste estudo sobre o Passinho reforça a atualidade da pertinência da teoria da comunicação ao servir de substrato teórico e metodológico para estudar este processo, para entender a sociedade, a cultura popular e a cultura digital, buscando assim, valorizar também as manifestações que dialogam e tensionam a sociedade, com as expressões da cultura popular, marcando através destes grupos sociais, os modos de manifestações diversas e plurais das culturas contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informações de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENTO, E. Disponível em:  
<[https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2019/01/10/internas\\_viver,773297/o-fenomeno-do-passinho-dos-malokas-no-grande-recife.shtml](https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2019/01/10/internas_viver,773297/o-fenomeno-do-passinho-dos-malokas-no-grande-recife.shtml) > Acesso: 10 de mai, 2019.
- BURKE, P. **Problemas causados por Gutenberg**: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. *Estud. av.*, 16(44). (2002, abril). Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142002000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100010&lng=en&nrm=iso)>doi: 10.1590/S0103-40142002000100010 Acesso: 20 de abr, 2019.
- CAMPELO, **O fenômeno do Passinho dos Malokas**. Campello/LeiaJáImagens Disponível em:<<http://www.leiaja.com/cultura/2019/01/25/por-dentro-do-passinho-nova-febre-das-favelas-do-recife/>> Acesso: 01 de mai, 2019.

COSTA, Bruna. **O fenômeno do Passinho dos Malokas**. Disponível em:  
<[https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2019/01/10/internas\\_viver,773297/o-fenomeno-do-passinho-dos-malokas-no-grande-recife.shtml](https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2019/01/10/internas_viver,773297/o-fenomeno-do-passinho-dos-malokas-no-grande-recife.shtml)> Acesso: 10 de mai, 2019.

ESTEVES, Eduarda. **O fenômeno do Passinho dos Malokas**. Disponível em:<<http://www.leijja.com/cultura/2019/01/25/por-dentro-do-passinho-nova-febre-das-favelas-do-recife/>> Acesso: 01 de mai, 2019.

GARCÍA CANCLINI, Néstor . «¿ **DIJISTE TRANSDICIPLINA?** Una en-trevista de la interdisciplinaria errorista a Néstor García Canclini», mimeo, 2002.

MAIA, A. “**No passinho da nova classe média**”: Notas para um estudo sobre comunicação, juventude, periferia e consumo. Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste – Vila Velha – ES – 22 a 24/05/2014.

**TRANSDISCIPLINARIA ?** Una entrevista de la interdisciplinaria terrorista a Néstor García Canclini ,mimeo. Ciudad del México, 2002.

GOFFMAN, E. **La presentación de la persona en la vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2017.

Goffman, E. Frame analysis. Los marcos de la experiencias. Madrid: Siglo XXI , 2006.

HALL, S. **¿Quién necesita identidad?** en HALL, S. y DU GAY, P. (comp) Cuestiones de identidad cultural, 13-39. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sin garantías:** Trayectos y problemáticas en estudios culturales. Colombia: Envión editores Hall, S. Identidad cultural y diáspora, 2010.

IGARZA, R. **Burbujas de ocio**. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

ROCHA FN, BERNARDINO AVS. **O papel da identidade cultural e da representação social na construção da subjetividade na sociedade pós-moderna**. Revista Mosaico. 2013 Jan./Jun.; 04 (1): 35-39

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.